

A romantização da crise e o aplauso às migalhas

Segundo o IBGE, até fevereiro deste ano, o Brasil registrava uma taxa de desemprego de 12,4%. Isso representa 13,1 milhões de brasileiros fora do mercado de trabalho formal. Mas os números, por si só, não revelam o que se tornou cotidiano: a crise que se romantiza, o imprevisto que se institucionaliza, e a sobrevivência que se vende como “empreendedorismo”.

A criatividade sempre foi um traço admirável do brasileiro. Somos, por natureza (ou por necessidade), versáteis. Inventivos. Driblamos, sim — e não só com a bola nos pés. Mas quando a falta de oportunidades encontra o desespero, e ambos se encontram com a tecnologia, nasce um novo tipo de trabalhador: o que não tem vínculos, nem direitos, nem garantias — mas tem um crachá simbólico de “autonomia”.



É o fenômeno da uberização do trabalho, batizado em alusão à plataforma de transporte que se tornou símbolo de um novo modelo de relações profissionais. Um modelo flexível, aparentemente moderno e sedutor. O trabalhador agora é “dono de seu próprio tempo”, atende “quando quiser”, e é chamado de “parceiro”, não de funcionário. Ganha o que produz. Rende o que aguenta.

E aguenta muito.

Por trás da linguagem agradável, há o que muitos já chamam de escravidão moderna. Estima-se que cerca de 4 milhões de brasileiros estejam inseridos nesse

tipo de dinâmica — conectados por plataformas, mas desconectados de qualquer proteção social.

Ainda assim, em tempos de escassez, esse modelo é aplaudido como solução. “Melhor que o desemprego”, dizem. Mas talvez seja mais honesto afirmar: melhor que não sobreviver.

A romantização não está apenas nos discursos das empresas. Está na forma como o próprio sistema se reorganiza para fazer do caos uma nova ordem — e, dessa ordem, um produto vendável. O que antes seria visto como precarização, hoje se disfarça de oportunidade. O que seria um retrocesso, apresenta-se como inovação.

A pergunta, portanto, não é quem está trabalhando. Mas em que condições.

A crise não se limita à ausência de emprego. Ela está no esvaziamento do que significa trabalhar. Na perda do valor social da ocupação. Na substituição da dignidade pelo “pelo menos tem algo pra fazer”.

Enquanto isso, o trabalhador — cada vez mais solitário, cada vez mais vulnerável — veste a camisa, entra em campo e joga a partida da sobrevivência. Dribla a crise, a fome, a falta de proteção. Com garra, termina o jogo sem garantias, sem estabilidade, mas com palmas.

Migalhas disfarçadas de aplausos.



AUTORA | JULIANA MOREIRA

Jornalista pela Anhembi-Morumbi, pós - graduada pela PUC.
Redatora, Analista de Conteúdo e Copywriter independente